

IVAIPORÃ NO CONTEXTO POLÍTICO PARANAENSE E NACIONAL - 1960-1990

Cleiton Costa Denez¹

Resumo: O presente texto tem o objetivo de resgatar o cenário político-partidário de Ivaiporã na conjuntura estadual e nacional. Para tanto, foram identificados os grupos políticos locais, desde a emancipação do município, na década de 1960, até a década de 1990. Na sequência, a pesquisa se pautou nas entrevistas com atores do cenário local, articulado com a conjuntura estadual e federal, na revisão bibliográfica sobre a organização política paranaense e na análise das eleições municipais e estaduais a partir de dados do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE). As particularidades das relações que se estabelecem na escala local nesse período contribuem para o estudo de casos semelhantes e para a compreensão de como as decisões e as articulações que se processam em escala nacional e estadual influenciam no município.

Palavras-chave: Município; Partidos; Política; Eleições; Poder local.

IVAIPORÃ IN THE 1960 - 1990 PARANAENSE AND NATIONAL POLITICAL CONTEXT

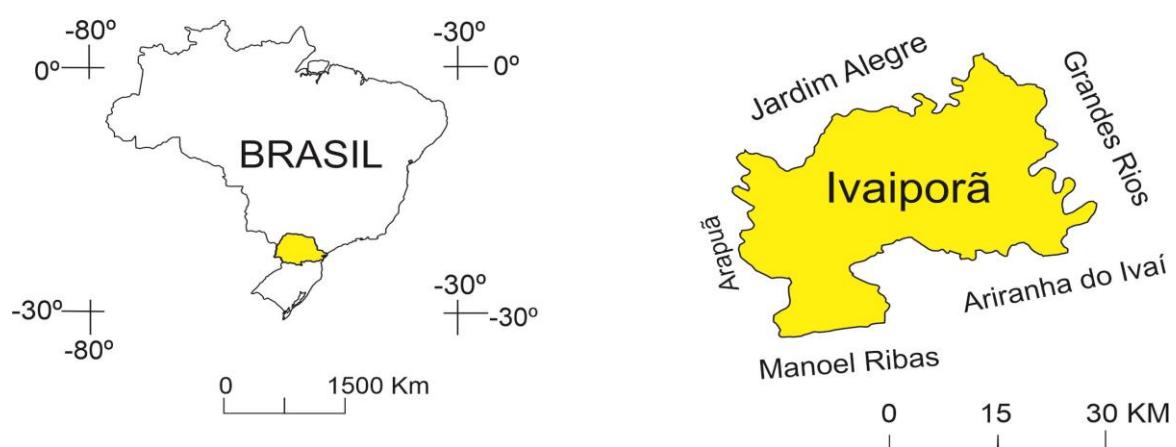
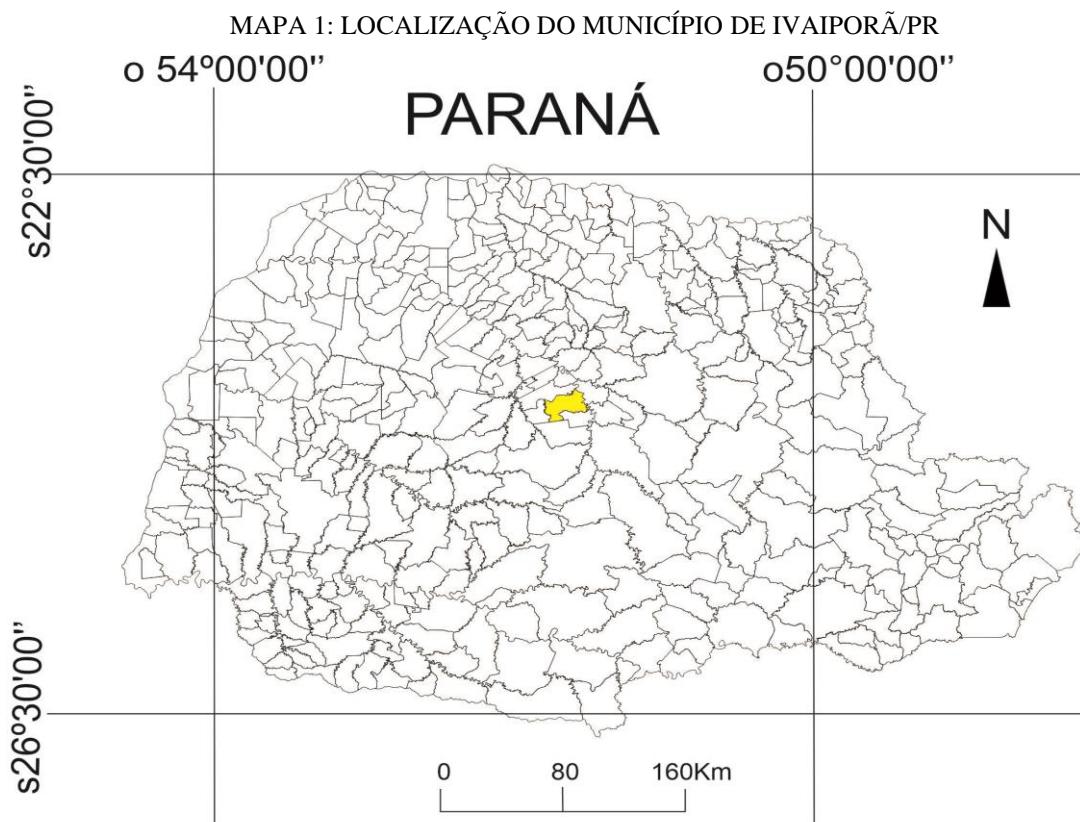
Abstract: This text aims to recover the political party scene of Ivaiporã, in the state and national conjuncture. To this end, local political groups were identified, from the emancipation of municipality, in the 1960s, to the 1990s. Next, the research was based on interviews with actors from the local scene, articulated with the state and federal conjuncture, the bibliographic review on the political organization of Paraná and the analysis of municipal and state elections based on data from the Regional Electoral Court of Paraná (TRE). The particularities of the relationships that are established at the local scale in this period contribute to the study of similar cases and to the understanding of how the decisions and articulations that take place at the national and state scale influence the municipality.

Keywords: Municipality; Parties; Politics; Elections; Local power.

Introdução

Este trabalho pretende contribuir para complementar algumas lacunas a respeito dos municípios do Estado do Paraná, ao tomar como objeto de estudo um município que se encontra na área central e distante das pesquisas acadêmicas, já que são pouquíssimas as referências sobre o local. Ao mesmo tempo, a abordagem que fazemos sobre Ivaiporã-PR (ver mapa 1) é pouco comum no meio geográfico, pois enfoca principalmente a organização dos grupos políticos locais que disputam e controlam o município por intermédio das territorialidades que produzem nesse processo (SAQUET, 2011).

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: cleiton.denez@hotmail.com



Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

Ivaiporã, como os demais municípios, conta com a organização institucional do restante do Estado brasileiro. Assim, não difere em relação aos partidos políticos, ou seja, em relação à forma

jurídica que determinado grupo assume para chegar ao poder institucional do Estado. Os grupos político-partidários se organizam dentro das normas institucionais para disputar o território que pretendem controlar para a implementação de determinado projeto político, no qual um grupo exercerá, disputará ou dividirá o poder com outros, dependendo da conjuntura, hegemonia, legitimidade e equilíbrio de forças que se estabelece (CATIA, 2011; SAQUET, 2011; RAFFESTIN, 1993).

Dessa maneira, para compreender a dinâmica local de poder e suas particularidades, é necessário retomar o contexto estadual e nacional, já que o município, embora tenha autonomia, está articulado com a estrutura institucional do Estado (BATISTELLA, 2016; CODATO, 2002, IPARDES, 2006; MAGALHÃES FILHO, 1995; CODATO & SANTOS, 2006; OLIVEIRA, 2004).

Na Figura 1, elaborada com base nos dados do TRE-PR, é possível observar diferentes momentos da institucionalização dos grupos políticos em Ivaiporã, que se organizaram por meio de partidos e chegaram ao comando do executivo, formados por diferentes segmentos, atores e temporalidades.

FIGURA 1 - ORGANOGRAMA DOS GRUPOS POLÍTICO-PARTIDÁRIOS À FRENTE DO PODER LOCAL EM IVAIPORÃ (1962/2016)



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral. Organizado pelo autor (2015).

Nos diferentes pleitos em Ivaiporã, foram eleitos prefeitos de diversos segmentos sociais: médicos, madeireiros, advogados, cerealistas, padres, empresários, professores. As profissões e

segmentos surgem pela forma de ocupação e pelas atividades que se desenvolvem no lugar, produzindo o espaço, e assim passam a fazer parte do cenário político de determinado município. Ao todo somam 13 mandatos do executivo em Ivaiporã (1960/2012); foram 12 prefeitos, pois Manoel Fernandes da Silva exerceu o cargo por duas vezes, e 9 partidos políticos diferentes, já que a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o PMDB governaram por 3 vezes.

Na Figura 1, há a apresentação dos grupos que estiveram à frente do poder no município, sendo cada grupo representado por um círculo. Os grupos políticos de Ivaiporã, de forma geral, são compostos por segmentos que, em determinado momento histórico, produziram discursos e práticas para legitimar suas ações frente ao executivo municipal. Para chegar ao poder, cada ator político desenvolveu articulações e redes necessárias com outros atores, numa tentativa de organizar ou compor os grupos políticos, bem como de sustentá-los no poder.

O exercício de poder sobre o território dos municípios por determinado grupo político ocorre pela organização dos atores presentes, como no caso do primeiro prefeito de Ivaiporã, Manoel Teodoro da Rocha, que era o gerente da companhia colonizadora Ubá.

A disputa do território: breve contexto histórico de Ivaiporã

O município está inserido na Mesorregião Norte Central Paranaense e, respectivamente, na Microrregião de Ivaiporã. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, publicados pelo Diário Oficial, conta com uma população de 31.816 habitantes, 23.559 eleitores e uma área de 431.502 km² (IBGE, 2011).

A localidade de Ivaiporã surge em um ambiente social formado pela ocupação de posseiros; pelo loteamento e comercialização de lotes rurais e urbanos através da companhia Ubá; pela atividade cafeeira e por outras atividades que se estabeleceram atreladas a estas, como a instalação de madeireiras, o comércio de secos e molhados, a estruturação e tecnificação do território com a abertura de estradas, rede de energia elétrica, abastecimento e serviços públicos de saúde, segurança e educação.

Os atores, grupos e sujeitos sociais presentes são responsáveis pela organização da localidade para a emancipação política a partir da aglutinação de forças para viabilizar a criação do

Município de Ivaiporã². A classe política realiza a emancipação para ter controle do território pela autonomia política e para, assim, definir a forma de ordenamento e produção.

Segundo Castro (2010) e Castro et al. (2013), no Brasil, o município, pelas suas características constitucionais, é, desde 1988, um espaço político-institucional por excelência, ou seja, um espaço da lei, da decisão e da não decisão, dos interesses e dos conflitos, do controle e da coerção legítima— portanto, um território jurídico-político do estado.

Para administrar o município, pelo regime vigente, é necessária a institucionalização dos grupos políticos, que ocorre pela via partidária, legitimada pelo sufrágio universal no regime democrático. Com a institucionalização partidária no município, os grupos locais se alinham à estrutura partidária nacional, preenchendo os grupos de poder políticos com uma identidade ideológica e as práticas políticas de caráter macro. Ao mesmo tempo, dão origem a identidades locais, que diferenciam um grupo do outro na disputa pelo poder local, gerando territorialidades para disputar o território. Para compreender a inserção de Ivaiporã no cenário político nacional e estadual, é necessário considerar os diferentes momentos da institucionalidade e a correlação de forças que se estabeleceram em nível macro e local.

Histórico político-partidário: o pluripartidarismo (1945-1964)

Para analisarmos a organização político-partidária de Ivaiporã, é preciso lembrar que este, assim como os outros municípios, não está isolado das demais esferas de poder e compõe um conjunto político, embora existam particularidades locais e relevantes. Portanto, ao refletirmos sobre a produção do território no qual se insere Ivaiporã e sobre os grupos políticos que disputam o poder público, é necessário levar em conta a organização macro e as particularidades locais. Magalhães Filho (1995) destaca que a manifestação dos agentes sociais do Paraná tem que ser compreendida pelas classes sociais e suas frações, assim como pelos partidos, que são seus representantes na tradicional organização de classes.

Para Codato (2002), depois de 1945 o jogo de poder estadual, no Paraná, configura-se a partir de questões que envolvem a nacionalização dos partidos políticos, tendo como tônica a personificação do poder. Nesse contexto, há a organização dos partidos políticos, mas ao mesmo tempo a figura de lideranças carismáticas de cada agrupamento que exerce o poder, sendo o personalismo um traço importante a ser considerado na disputa de poder local e de outras escalas.

² O Município de Ivaiporã foi criado por meio da Lei Estadual n. 4.245, de 27 de julho de 1960, e instalado em 15 de novembro do mesmo ano, desmembrado do Município de Manoel Ribas.

No Brasil, após o fim do Estado Novo foi implantado um sistema pluripartidário, que perdurou de 1945 até 1965, tendo como principais partidos: a União Democrática Nacional (UDN), que reunia grande parte das oposições ao governo federal do Presidente Vargas; o Partido Social Democrático (PSD), beneficiário da máquina política do Estado Novo, e, finalmente, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), formado a partir da base sindical controlada por Getúlio Vargas, e outros, que também podem ser citados, como o Partido Republicano (PR), o Partido Democrata Cristão (PDC), o Partido Social Progressista (PSP) e, até mesmo, o Partido Comunista do Brasil (PCB).

Para Magalhães Filho (1995), cada partido representava um grupo de poder e seus interesses. No Paraná, as tendências mais conservadoras que apoiavam o Estado Novo e que participavam dos governos dos interventores passaram a compor o PSD, formado por uma burguesia de origem da propriedade da terra nos Campos Gerais que incorporou diversos segmentos da burguesia industrial, beneficiada pelas políticas governamentais, principalmente o setor madeireiro e pelas interventorias, o que culminou na eleição de Moysés Lupion³ (PSD), em 1947, e na sua reeleição, em 1955. A pequena burguesia, segmentos da classe média ligada ao setor público e à política sindical de Vargas, trabalhadores urbanos e camponeses organizados pela estrutura sindical compunham o PTB. A burguesia comercial e financeira, juntamente com algumas frações da burguesia industrial, classe média tradicional, grandes proprietários de terra, opositos a Vargas, constituíram a UDN, liderada no Paraná por Othon Mäder⁴.

Magalhães Filho (1995) explica que o núcleo original da UDN no Paraná é fração originária da erva-mate, que ficou fora do poder desde 1930, e que parte dela passou a compor o recriado Partido Republicano (PR). O operariado organizado, a pequena burguesia, a classe média dos meios intelectuais participam da organização do PCB.

O autor destaca, ainda, que, além desses partidos, surgem outros, representando tendências dissidentes ou lideranças políticas locais e regionais. Cita o Partido de Representação Popular (PRB),

³ A ascensão do grupo econômico de Lupion, somada à diversificação de ramos e atividades para além do setor madeireiro, como o de comunicação, já mencionado, garante a construção de imagem de modernidade e de *businessman* com o projeto para o governo do estado intitulado de “Paraná Maior”. A consolidação do nome de Lupion no PSD chegou às demais legendas no estado: o PTB, a UDN e o PRP formaram uma grande coalizão, isolando o opositor Bento Munhoz da Rocha (PR), representante das antigas oligarquias do Paraná. Lupion abre 59,1% dos votos, sobre 29,3% de Munhoz da Rocha em 1947. (Ver OLIVEIRA, 2004).

⁴ Engenheiro, industrial e comerciante de erva-mate, delegado de terras da Região Oeste (1920-1924), deputado estadual ainda na República Velha, nomeado prefeito de Foz do Iguaçu em 1931 e de Ponta Grossa em 1932, secretário de Agricultura (1934-36). Em Batistella (2016), “um camarguista que rompeu com Ribas em 1937”. Aliado de Lupion em 1947, liderando a UDN, rompe com o governo em menos de um ano, constituindo uma das primeiras forças antilupionistas. Em 1950 foi eleito senador, derrotando o candidato lupionista Raul Vaz (PSD).

formado pelas camadas médias, e o Partido Social Progressista (PSP), de Adhemar de Barros⁵, em São Paulo, influente no Norte do Paraná. Já em Curitiba, havia o Partido Democrata Cristão (PDC), de Ney Braga⁶.

Nesse período, década de 1960, podemos mencionar a presença da UDN, PDC, PTB, PCD, PR, PSP em Ivaiporã. Em 8 de outubro de 1961, ocorreu o primeiro pleito eleitoral, disputado por Manoel Teodoro da Rocha⁷ (UDN), José Clarismundo Filho⁸ (PDC) e José Caetano Marques⁹ (PTB). O eleito foi Manoel Teodoro da Rocha, com 3.137 votos, seguido por José Clarismundo Filho, com 2.759, e José Caetano Marques (PTB), com 891 votos (TRE-PR). A Câmara de Vereadores foi formada por duas cadeiras da UDN, três cadeiras do PSD, três cadeiras do PCD e uma cadeira do PTB.

O prefeito Manoel Teodoro Rocha, segundo Proença (2013), era gerente da empresa colonizadora da região de Ivaiporã, a Sociedade Territorial Ubá Ltda. José Clarismundo e José Caetano Marques adquiriram uma área de terra da companhia para organizar um loteamento urbano na região, onde seria a localidade de Lidianópolis, nome dado em homenagem a mãe dele, Lídia Paraíso Marques. Ambos eram representantes dos grupos de poder que se formaram no Estado do Paraná e no país, fazendo convergir os interesses locais de grupos políticos para disputar o poder no município articulados à política meso e macro, porém a partir das particularidades locais.

Surgiam as mobilizações de forças políticas e sociais para a mudança na condução do estado. Para Magalhães Filho (1995), isso é resultado da expansão econômica paranaense, com a ocupação do território, o surgimento contínuo de novas cidades e, consequentemente, a diversificação de classes sociais, o que tornou a sociedade paranaense complexa e com diferentes interesses econômicos e sociais. Assim, a organização econômica do território estava pautada em diferentes atividades, como na Região do Café, cujo partido mais representativo era o PTB, devido ao controle dos aparelhos do

⁵ Filho de família tradicional de cafeicultores de São Paulo, prefeito da cidade de São Paulo (1957-1961), interventor (1938-1941), governador de São Paulo (1947-1951 e 1963-1966). Candidato à presidência da República do Brasil pelo PSP em 1955 e em 1960, tendo chegado em terceiro lugar nas duas eleições (LOVATO, 2014).

⁶ Ney Aminthas de Barros Braga. Dedicou-se à vida militar e política, foi Chefe de Polícia (equivalente a Secretário de Estado da Segurança Pública) entre 1952 e 1954, durante o governo Munhoz da Rocha. Eleito prefeito de Curitiba, em 1954, com significativa votação. Deputado estadual em 1958. Governador pelo PDC em 1960. No plano federal, em 1965, Ministro da Agricultura no governo do presidente Castello Branco. Elegeu-se, em 1966, pela Arena (Aliança Renovadora Nacional), para o Senado. Em 1974 foi convocado pelo presidente Geisel para compor seu ministério, sendo-lhe destinada a pasta da Educação e Cultura. Ney voltou ao governo do Paraná em 1978, em eleição indireta. Em 1986 ocupou a presidência da Itaipu Binacional. Biografia: *História biográfica da República no Paraná*, de David Carneiro e Túlio Vargas, 1994.

⁷ Gerente da Sociedade Territorial Ubá Ltda. (STUL) na década de 1960. (Os dados e a qualificação dos atores locais foram obtidos nas entrevistas *in loco* (PROENÇA, 2013; TEIXEIRA, 2013).

⁸ Médico na região de Ivaiporã.

⁹ Comerciante de secos e molhados.

governo federal, que eram importantes para a região. De acordo com Magalhães Filho (1995), alguns segmentos de Londrina se organizavam pela UDN, que no sul do estado possuía maior representatividade. Pode ser citado também o PDC, na figura de Ney Braga.

Magalhães Filho (1995) destaca, ainda, que o novo contexto socioeconômico do estado se organiza em torno de duas candidaturas ao governo em 1960. Antes do pleito, o PTB do Paraná possuía a liderança de Souza Naves¹⁰, presidente do partido no estado, eleito senador em 1958 com o dobro da votação da UDN e do PDS. Seu nome crescia para a disputa ao governo do estado em 1960, porém sofreu um infarto fulminante e faleceu, o que alterou os quadros políticos para o pleito. Souza Naves foi substituído por Nelson Maculan¹¹ (PTB), presidente da Associação Rural de Londrina. Ney Braga, ligado, anteriormente, ao grupo de Bento Munhoz¹² (PR), concorre pelo PDC, que de 1954 a 1958 ocupou a Prefeitura de Curitiba. Assim, ao se desprender do antigo grupo com sua entrada no PDC, cria uma nova vertente política no Paraná, vinculada à imagem de modernização do estado, de base conservadora.

Então, o quadro político levou ao confronto de Nelson Maculan (PTB) e de Ney Braga (PDC). O resultado, segundo dados do TRE-PR, foi favorável a Ney Braga, que recebeu 35% dos votos, contra 31% de Maculan e 27% de Plínio Costa (PSD). Esse pleito foi extremamente polarizado e disputado. Segundo Batistella (2016), Maculan chegou a ser chamado, equivocadamente, por grupos mais conservadores, de “vermelho e comunista”. Para Magalhães Filho (1995), a vitória traduz o sentimento de mudança do papel do estado com vistas ao desenvolvimento, reforçado pela eleição de Jânio Quadros. O governo se alinha com as frações industriais e financeiras da burguesia, diversificadas e associadas, em maior ou menor grau, ao grande capital nacional e estrangeiro. Esse contexto leva ao “modelo” paranaense de desenvolvimento, que, conforme Magalhães Filho (1995), é apoiado por quase todas as frações da burguesia, por segmentos dinâmicos da agricultura e da pecuária, parte da pequena burguesia e das classes médias.

Após Ney Braga ser eleito governador do estado, a segunda eleição de Ivaiporã, em 1965, seguiu a tendência da anterior e elegeu um prefeito do PDC. A disputa se deu entre o dr. Akira

¹⁰ Diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial (Creai) do Banco do Brasil. Financiou a juros baixos e prazos longos a recuperação das lavouras atingidas por duas geadas consecutivas, em 1953 e 1955. Disseminou empréstimos para a diversificação da cultura agrícola e concedeu financiamentos para a construção de moinhos de trigo. Líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) no Paraná. Eleito senador em 1958 e pré-candidato ao governo do estado em 1960. Faleceu de ataque fulminante em dezembro de 1959. Mais em Batistella (2016).

¹¹ Advogado, foi chefe do Instituto Brasileiro do Café (IBC) em 1963/1964. Presidente estadual do PTB, iniciou carreira política como vereador, foi deputado federal e senador, assumindo a vaga de Souza Naves. Mais em Batistella (2016).

¹² Bento Munhoz da Rocha Neto, filho de Caetano Munhoz da Rocha, se casa com uma das filhas de Afonso Alves de Camargo, consolidando os laços das tradicionais frações oligárquicas antecedentes à Revolução de 1930, das interventorias e dos pleitos eleitorais pós-1945. Mais em Batistella (2016).

Yamashita¹³ (PDC), eleito com 3.215 votos, Adail Bolívar Rother (UDN/PTB), que teve 3.061 votos, e João Nelson Sobieray (PR/PSP), 1.540 votos (TRE-PR). O legislativo passou a ser composto por duas cadeiras do PTN, duas cadeiras do PDC, três cadeiras da UDN e duas cadeiras do PSD. Nesse contexto, Proença (2013) destaca que o dr. Akira e o dr. Sobieray eram médicos e passaram a ter influência por conta do atendimento de uma vasta região que pertencia ao Município de Ivaiporã; já Adail foi dono de madeireira, que, no momento, recebia grandes demandas por conta do processo de colonização da área. A eleição local acaba por se alinhar às forças e frações que governavam o estado do Paraná. A partir do golpe civil-militar de 1964 se altera a estrutura macro política e partidária, alterando a forma de articulação dos grupos locais também.

O golpe civil-militar de 1964

Para Codato (2002), no final da década (1960) entra em cena uma figura com raízes militares, Ney Aminthas de Barros Braga, que estabeleceu a base mais radical da resistência à democracia. No Paraná, só houve resistência ao golpe de 1964 por parte das camadas intelectuais e de alguns segmentos ligados ao PTB, pois naquele momento o Paraná já era governado por um militar.

Magalhães Filho (1995) destaca que o apoio ao governo estadual, pelo golpe de 1964 ou pelos resultados, fica evidente na eleição de 1965, na qual Paulo Pimentel¹⁴ (PTN) foi eleito, segundo dados do TRE-PR, com 53% dos votos, contra 47% de Bento Munhoz (PR, PSP, PTB, PRP). A coligação de Bento Munhoz¹⁵ representava os grupos que faziam oposição ao governo Castello Branco, principalmente o PTB, e ainda, Bento era o representante das antigas frações oligárquicas ervalteiras da República Velha no Paraná.

Magalhães Filho (1995) observa que, com as mudanças dos blocos de poder, há um rearranjo nos grupos políticos e nas relações nas diferentes esferas, destacando três fenômenos para o período: a centralização, critérios técnicos e a deslegitimação dos partidos políticos.

O autor aponta no regime militar o uso do discurso técnico que leva a medidas políticas disfarçadas para a representação de interesses por meio dos grupos de poder alinhados ao governo militar. O desfecho dessa estrutura resultaria no esvaziamento dos partidos como representantes dos interesses e reivindicações dos grupos sociais. Esse processo acarretou também a perda de espaços

¹³Clínico geral na região de Ivaiporã.

¹⁴Formado em Direito, secretário da Agricultura no governo Ney Braga. Governador em 1965, deputado federal em 1987. Empresário do ramo de comunicações.

¹⁵Engenheiro, professor e sociólogo. Filho de Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado por duas vezes. Foi deputado federal, governador e ministro da Agricultura.

políticos para outros grupos de poder. A formação político-partidária de 1945 a 1965 foi marcada pela presença dos grandes partidos (PSD, UDN e PTB) e, ainda, daqueles que se desenvolveram nas bases regionais (PSP, PDC e PR). Para Magalhães Filho (1995), essas agremiações foram exatamente o que se esperava dos partidos, no sentido atribuído ao termo pelas ciências sociais, ou seja, representantes e porta-vozes dos interesses concretos de classes ou frações de classe, defendendo suas reivindicações e formando grupos de poder que disputam espaço entre si.

Em 1965 o regime militar, por meio de seus representantes e comandantes, preocupados com vitórias oposicionistas, optou pela dissolução dos partidos existentes e pela imposição de um sistema bipartidário artificial. Com efeito, o Ato Institucional n. 2, o AI-2, baixado por Castello Branco em 27 de outubro de 1965, retirava liberdades, suprimia direitos, impunha a vontade da elite da caserna – fielmente coadjuvada pela elite política conservadora – e submetia a nação à condição de cega obediente à Revolução “Redentora” (MOSQUERA, 2006, p. 98).

A nova organização partidária, formando a Arena e o MDB, foi composta pela rearticulação das forças que alimentavam as antigas siglas: PDS, UDN, PTB, PDC, PR, PRP, PL. Segundo Mosquera (2006), dois terços dos parlamentares e 22 governadores passaram a compor a Arena. Dessa forma, o novo arranjo partidário foi o meio de legitimar o regime e reproduzir, nos estados, as medidas tomadas pelo governo, garantindo a aparência de democracia. Em 1966 o governo Castelo Branco anunciou novas resoluções a partir do Ato Institucional n. 3, o AI-3, segundo o qual as eleições para governador e vice-governador seriam realizadas de forma indireta. A partir de então, esses dois cargos seriam definidos por intermédio dos votos dos integrantes das assembleias estaduais. Uma vez escolhidos, cada um dos governadores teria poder para determinar quem assumiria o posto de prefeito da capital do seu respectivo estado. Com o AI-3 restaram as eleições parlamentares e dos executivos municipais de localidades que não fossem capitais de estado.

Teixeira¹⁶ (2013) destaca que Ivaiporã demorou a organizar e construir oposição ao regime pelas vias do MDB. Segundo o entrevistado, a principal liderança do partido na região foi o dr. Nelson Sobieray, filiado ao PTB e ao PR. Isso aconteceu quando Jardim Alegre se desmembrou de Ivaiporã, em 1964. Sobieray passou a organizar o PTB em Jardim Alegre e, posteriormente, com o Ato Institucional n. 2, o MDB no Município de Jardim Alegre e na região, quando convidou Flávio Teixeira para ingressar no partido. Sobieray foi eleito prefeito de Jardim Alegre em 1968, mas em pouco tempo foi cassado pelo regime militar e teve seus direitos políticos suspensos por dez anos.

¹⁶Ex-prefeito de Ivaiporã (1982/1988), candidato a prefeito pelo MDB em 1978 e 1982 e pelo PMDB em 1992 e 1996.

Poucos têm convicção. O Sobieray tinha muita convicção, mas foi muito perseguido, principalmente pelos caras da Arena, o Maneco Rocha, o dr. Manoel, o Akira, que eram fiéis aos ideais da revolução. Nós éramos contra a revolução, mas ninguém podia se manifestar, porque havia o perigo de ser preso, e todos os dias recebíamos notícias sobre perseguições. Então, não podíamos ficar falando de qualquer maneira. Quando veio a revolução, os militares ficaram muito fortes e só começamos a fazer política e ter força depois de muito tempo de MDB, porque ou você era a favor do governo, na Arena, ou era contra, no MDB. (TEIXEIRA,2013).

O PSD e a UDN formaram a base da Arena, seguidos por partidos menores, como o PR, base localizada em Minas Gerais; PL, base do Rio Grande do Sul; PRP, extrema direita; PSC e PDC, centro direita. Já o MDB foi formado, principalmente, por setores que compunham o PTB, de ideologia nacionalista e reformista. Assim, temos o quadro político sob o bipartidarismo, no qual a Arena simboliza o sistema vigente, pautado no desenvolvimento capitalista sob um ambiente social de paz controlada. O MDB representaria a redemocratização do regime e uma melhor distribuição da riqueza, porém sem questionamentos ao modelo capitalista.

No Paraná a maioria da classe política se filia à Arena, com exceção dos integrantes do PTB. De acordo com Magalhães Filho (1995), na nova organização partidária, nem o MDB nem a Arena desempenhavam papel efetivo de partidos. O MDB se caracteriza, para Magalhães Filho, como “frente” em vez de partido, visto que os grupos que o compõem o fazem de acordo com seus próprios interesses, unindo-se apenas para marcar posição no enfrentamento ao governo. Destaca, ainda, que o partido não pode ascender ao poder, o que neutraliza o seu papel.

Antes disso, no estado, o Movimento da Democracia Cristã e o PDC tinham matizes ideológicos de centro direita, estando, assim, mais afeitos ao PSD e à UDN, apoiando o golpe de 1964. O partido comandado no Paraná por Ney Braga aderiu de pronto ao golpe de 1964, pois, segundo Mosquera (2006, p. 102), “O Governador do Estado, Ney Braga, foi um dos condutores da nova situação na política local”. Do outro lado, estava o PTB, que se apresentava reformista, nesse sentido para os militares, o partido era o inimigo natural e seus quadros mais à esquerda os alvos preferenciais. Ainda conforme Mosquera (2006), Ney liderou a composição de forças entre o PDC, o PSD, a UDN e outros partidos conservadores para montar a Arena paranaense. O ex-prefeito de Ivaiporã, Flávio Teixeira, destaca a alteração da organização partidária após o golpe de 1964, que ele chama de revolução.

Naquela época tinha a UDN, PTB, PDC. Meu pai era da UDN, aí teve a revolução de 1964, então fundaram a Arena e o MDB. Aqui o “cabeça” do MDB era o dr. Nelson Sobieray, ex-prefeito de Jardim Alegre. Então ele me convidou e eu era jovem dinâmico e aceitei porque não aceitávamos injustiça. Depois da revolução tudo era proibido e resolvi partir para o lado da oposição ao regime, no MDB. (TEIXEIRA, 2013).

Flávio Teixeira, filho de um funcionário da companhia Ubá, filiado à UDN e pertencente ao grupo de Manoel Teodoro da Rocha, destaca como as mudanças do regime militar chegaram até Ivaiporã. Seu pai era fiel eleitor do brigadeiro Eduardo Gomes¹⁷, como aponta em sua entrevista: “O pessoal da Arena eram quase todos da UDN, um partido que sempre perdia eleição. Lembro bem do Brigadeiro Eduardo Gomes, o candidato a presidente deles. O meu pai era fanático por ele” (TEIXEIRA, 2013). Na fala de Teixeira é mencionada, também, a composição da Arena, que foi integrada, em sua maioria, pelos quadros da UDN. É necessário destacar que Teixeira foi um importante ator político nos anos do regime militar, pois esteve em todas as eleições do período de bipartidarismo, o que culminou com a sua eleição em 1982, juntamente com o avanço do MDB em todo o país. Depois concorreu outras duas vezes ao cargo de prefeito pelo PMDB, como apresentado no próximo tópico.

Arena X MDB: a ascensão de Flávio Teixeira e do MDB em Ivaiporã

Em 1969, seguindo a conjuntura do país, é lançada a candidatura única para prefeito de Ivaiporã pela Arena, sendo Manoel Fernandes Silva, o dr. Manoel, conforme dados do TRE-PR, eleito com 4.032 votos contra 5.694 votos em branco. O legislativo ficou composto por sete cadeiras da Arena e apenas duas do MDB, ocupadas por Nelson Sobieray e João Vítor dos Santos.

Em 1972 concorreram Adail Bolívar Rother pela Arena-I, eleito com 7.901 votos; Alcebíades Alves¹⁸ pela Arena-II, que obteve 1.719 votos, e Benedito Aparecido de Oliveira pelo MDB, 968 votos (TRE-PR). No legislativo a Arena foi hegemônica, ocupando todas as cadeiras.

Na primeira eleição cassaram o candidato do MDB e só ficou a Arena do dr. Manoel. Eles tinham muito poder e abusavam, controlavam o judiciário e faziam o que queriam. Em uma eleição jogaram sujo comigo, em 1976, não posso nem dizer, porque não tenho prova, foi uma barbaridade. O governador era o Jaime Canet, grande governador, mas era terrível na política. (TEIXEIRA, 2013).

Segundo Teixeira (2013), o motivo pelo qual Manoel Fernandes da Rocha concorreu sozinho ao pleito de 1969 foi a intervenção no judiciário contra o candidato do MDB, o que levou à hegemonia da Arena no município. Dessa forma, constata-se a hegemonia da Arena nos quadros paranaenses em

¹⁷ Candidato à presidência da República em 1945 e 1950 pela União Democrática Nacional (UDN). Foi um dos líderes do movimento para o afastamento de Getúlio Vargas em 1954, que culminou com o suicídio do presidente. Colaborou também com o golpe civil-militar de 1964. Mais em Batistella (2016).

¹⁸ Cartorário na cidade de Ivaiporã.

um ambiente de pseudodemocracia e, ainda, pode ser discutido o artifício da ampliação das legendas com a Arena I, II e III, cuja soma de votos elegia o prefeito. Assim, o partido do regime militar, na maior parte das vezes, fazia a maioria.

Havia as sublegendas, justamente para não deixar o MDB ganhar. Nós tínhamos poucos filiados e para subdividir em três nós não tínhamos condições de lançar sublegendas no início, aí a Arena sempre levava vantagem na soma das sublegendas. Tivemos o caso do Sr. Natal Pessuti em Jardim Alegre, que venceu as eleições três vezes pelo MDB, mas perdia na soma das sublegendas para a Arena. (TEIXEIRA, 2013).

O artifício de sublegendas passou a vigorar a partir da eleição de 1972, quando concorreram Adail Bolívar Rother pela Arena-I, eleito com 7.901 votos; Alcebíades Alves¹⁹ pela Arena-II, que recebeu 1.719 votos, e Benedito Aparecido de Oliveira pelo MDB, 968 votos. Esse sistema se mantém até a eleição de 1982 (TRE-PR).

De 1969 até 1976 há hegemonia da Arena em Ivaiporã, o que não difere do restante do país, já que foram criados vários mecanismos, justamente para garantir a manutenção da Arena no poder. Nesse período, três prefeitos da Arena governaram Ivaiporã: em 1969, Manuel Fernandes da Silva, o dr. Manoel; em 1972, Adail Rother; em 1976, retorna Manuel Fernandes da Silva, concorrendo contra Flávio Teixeira, do MDB.

Em 1972 Benedito de Oliveira concorreu à prefeitura pelo MDB, tendo como vice Flávio Teixeira. Nos pleitos seguintes Flávio Teixeira passa a ser liderança do MDB em Ivaiporã e disputa a eleição em 1976 e 1982, quando se elege prefeito e coloca fim ao ciclo da Arena no município. Ao se referir a quem compunha o grupo da Arena em Ivaiporã, Teixeira (2013) destaca as figuras de Manoel Teodoro da Rocha, Manuel Fernandes da Silva e Akira Yamashita. Sobre Adail Rother, Teixeira (2013) o qualifica de “boa-praça” e afirma que ele não era tão fiel aos ideais da revolução de 1964. Acrescenta, ainda, que no governo de Adail não houve perseguições políticas. Quanto ao governo de dr. Manoel Fernandes da Silva, destaca que esse, sim, era fiel à revolução.

Contra o Adail, entramos para disputar pelo MDB, mas ninguém ganhava do Adail. A cada dez eleitores, nove era Adail. Para conversar com o eleitor, tinha que chegar falando bem do Adail. A eleição não saiu no dia certo. Quinze dias antes registramos a candidatura e estavam para cassar o Adail, por isso registramos, mas daí nós assumiríamos e não aconteceu a cassação, porque seria melhor o Adail, da Arena, mesmo não sendo tão fiel à revolução, do que nós, do MDB. Naquela época era muito difícil fazer campanha e todo lugar que íamos tinha propaganda do Adail e não era fácil para o MDB também, até as gráficas tinham medo de pegar propaganda do MDB para fazer. Mas era importante ter a nossa candidatura, porque, para ter legalidade, tem que ter dois candidatos pelo menos de partidos opostos. Eles estavam para cassar o Adail, justamente porque tinham medo de ele não seguir os ideais da revolução,

¹⁹ Cartorário na cidade de Ivaiporã.

ele era um cara boa-praça, ele não era de perseguição, já o dr. Manoel... era mais fiel aos ideais da revolução. Em 1976 começamos a ter mais força, em 1978 fui candidato a deputado estadual, fiquei na sétima suplência. Em 1978 já teve bastante deputado do MDB, aí em 1982 elegemos muitos deputados, governadores e prefeitos. O povo queria mudança, o povo se cansa quando um grupo fica muito tempo no poder, por mais que seja bom. O povo tem sede de novidade. (TEIXEIRA, 2013).

As mudanças econômicas ocorridas no final dos anos 70, com a redução do crescimento, a elevação dos preços do petróleo e das taxas de juros na economia mundial, além da dívida de financiamento do setor público, acarretaram o enfraquecimento do regime militar e, em consequência, as vitórias eleitorais do MDB, como destacado na fala de Flávio Teixeira (2013). A ascensão do PMDB, em escala nacional, se verifica também em Ivaiporã, com as suas particularidades, assim como a fragmentação partidária.

O descontentamento em relação aos governos da Arena, ao próprio regime militar e, ainda, o crescimento da população jovem e urbanizada, segundo Cervi e Codato (2006), levaram ao crescimento do MDB no Paraná. José Richa²⁰, em 1978, é eleito senador. Ex-prefeito de Londrina, também representa o crescimento e urbanização do norte do estado, juntamente com Álvaro Dias²¹, que se elege como o deputado federal mais votado do estado. Para Teixeira (2013), a eleição de Álvaro Dias, de Orlando Pessuti²² e de José Richa se deve à insatisfação do povo contra o regime militar: “o povo fica contente quando a coisa vai bem, quando a família dele vai bem, porém o povo estava insatisfeito e queria mudar e por isso votaram em nós” (TEIXEIRA, 2013).

Em Ivaiporã, em 1982, o PMDB chega à prefeitura com Flávio Pereira Teixeira (PMDB-I), como já mencionado, com 5.551 votos. Alcebíades Alves (PMDB-II) obteve 3.970 votos e Francisco dos Santos de Abreu (PMDB-III), 737 votos(TRE-PR). Pelo PDS concorreram Adail Bolívar Rother (PDS-I), que recebeu 4.612 votos, Renato Ghizoni Croceta (PDS-II), 1.325 votos, e Dalton Luiz de Lima Santos (PDS-III), 2.145 votos. Pelo Partido dos Trabalhadores (PT) concorreu Euclides Leme do Prado²³, que obteve 97 votos (TRE-PR).

No legislativo, o PMDB ficou com cinco cadeiras e o PDS com quatro. Nesse contexto, altera-se o quadro político e o MDB passa a ser maioria em Ivaiporã. A Arena começa a ser

²⁰ Fundador do MDB no Paraná, deputado federal, prefeito de Londrina e governador do Paraná em 1982. Em 1988 deixou o PMDB para fundar o PSDB no Paraná.

²¹ Radialista na década de 1960, estudante do curso de História na Universidade Estadual de Londrina (UEL), líder do movimento “Diretas Já!” no Paraná, eleito vereador em 1968 em Londrina, deputado estadual em 1970, deputado federal em 1974, senador em 1982, governador em 1986.

²² Filho de Natal Pessuti, agricultor e político da cidade de Jardim Alegre. Médico veterinário, foi deputado estadual pelo PMDB, por várias vezes representando a região de Ivaiporã. Vice-governador por duas vezes na chapa de Roberto Requião e governador em 2010, quando Requião se afasta do cargo para disputar o senado.

²³ Pedreiro na cidade de Ivaiporã.

denominada de PDS e, ainda, pode ser notada, nessa eleição, a presença do Partido dos Trabalhadores, o que demonstra a volta, de maneira ainda tímida nesse pleito eleitoral, do pluripartidarismo.

A expansão do PMDB no Paraná levou ao poder, segundo Magalhães Filho (1995), as facções representativas do capital local, segmentos da pequena burguesia e das classes médias novas e tradicionais, bem como representantes dos movimentos sociais e representantes da agroindústria e cooperativas.

Note-se que o controle do governo por determinada agremiação – o que constitui, de resto, a base para a distribuição de empregos (“cargos”) e recursos públicos em troca de apoio político – tende a contribuir decisivamente para a institucionalização partidária, seja no âmbito eleitoral, seja no âmbito organizacional. (CERVI; CODATO, 2006, p.248).

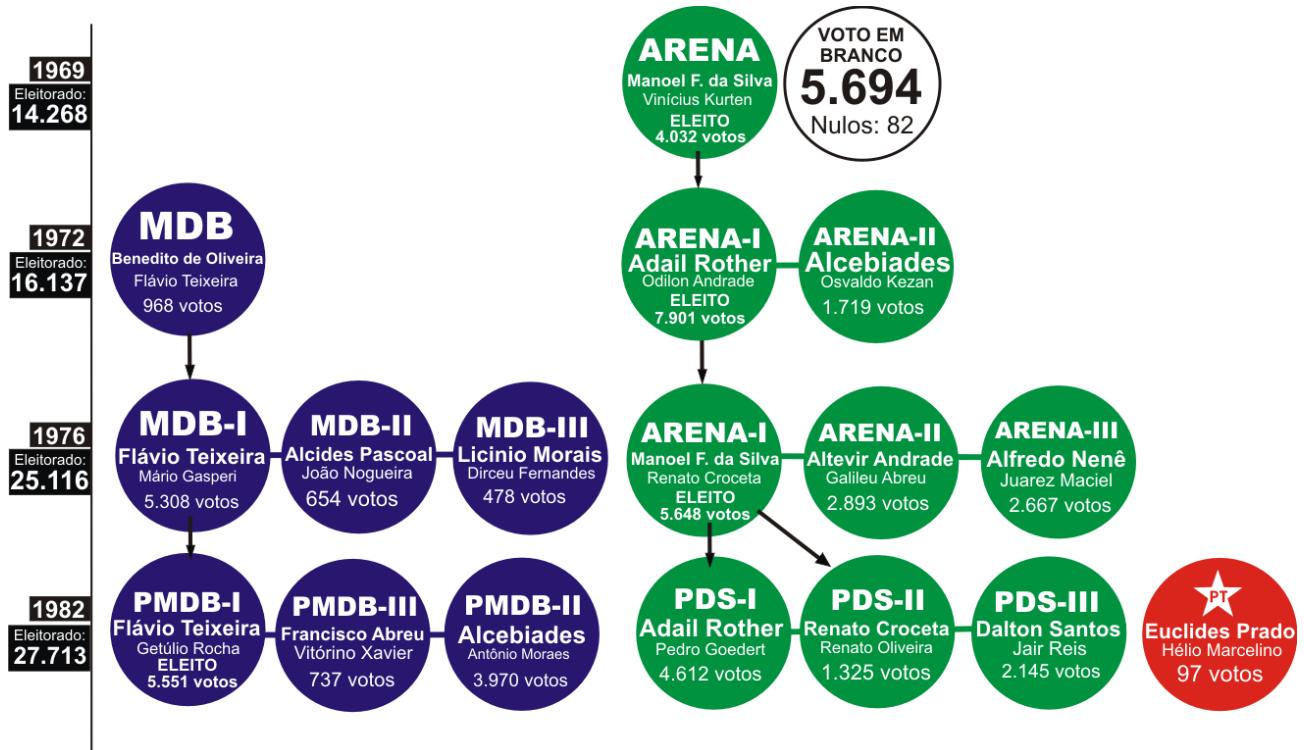
De acordo com Cervi e Codato (2006), a estrutura do estado favorece o crescimento do partido que está no poder. Magalhães Filho (1995) também destaca que as adesões políticas ocorrem pelo acesso direto às fontes de poder, fenômeno que se tornou comum a partir de 1985. Dessa forma, é notório o crescimento do número de prefeitos do PMDB no período em que este esteve no governo, de 1982 a 1993²⁴. Durante esses 12 anos, o PMDB controlou mais da metade das prefeituras do estado, poiso partido ocupava boa parte da representação na Câmara Federal e a maioria das cadeiras na Assembleia Legislativa. A hegemonia do PMDB elegeu, em 1982, José Richa governador do Paraná, o primeiro escolhido democraticamente após a reabertura política e o fim da ditadura militar.

A vitória de José Richa (PMDB), no enfrentamento a Saul Raiz²⁵ (PDS) pelo governo do estado e a de Álvaro Dias (PMDB) sobre Ney Braga (PDS) pela vaga ao Senado representavam a maior força política e a renovação. Na região de Ivaiporã, além de Flávio Teixeira, que se elege prefeito em 1982 (ver figura 2), é eleito deputado estadual Orlando Pessuti, pelo PMDB. Para Cervi e Codato (2006), a mudança do perfil econômico de uma cidade ou simplesmente o aumento da população urbana poderia constituir importante variável para justificar o avanço, ou não, do MDB nesses municípios.

²⁴José Richa em 1982, Álvaro Dias em 1986 e Roberto Requião em 1990.

²⁵Engenheiro civil, indicado a prefeito de Curitiba de 1975 a 1979, candidato a governador pelo PDS em 1982.

FIGURA 2: CANDIDATOS E RESULTADO ELEITORAL EM 1969, 1972, 1976, 1982.



Fonte: TRE-PR (1969, 1972, 1976, 1982).

Organizado pelo autor Costa (2015).

Pessuti retornava de Curitiba, onde havia se formado em Medicina Veterinária na UFPR, oportunidade em que foi presidente do diretório dos estudantes. Seu pai era o agricultor Natal Pessuti, candidato várias vezes a prefeito em Jardim Alegre, que se consolidou como uma figura tradicional na política regional. Em 1982, Orlando Pessuti concorreu nas prévias do MDB para deputado estadual, sendo escolhido pelos correligionários do MDB para disputar uma vaga na Assembleia Legislativa do Paraná. Foi eleito na expansão do PMDB como representante da região do Vale do Ivaí, juntamente com Flávio Teixeira, prefeito de Ivaiporã, Álvaro Dias, senador, e José Richa, governador do Paraná.

Conforme Cervi e Codato (2006), após a divisão do PDS na eleição indireta de 1985, Ney Braga se filiou ao PFL, pois havia sido derrotado como candidato ao Senado Federal e, assim, decidiu não disputar mais cargos eletivos. Ney foi o único político paranaense a assinar o manifesto de fundação da Frente Liberal, em 1984. Como ele não participaria mais de eleições depois de 1982, os políticos estaduais conservadores procuraram outras legendas que contassem com lideranças com o

mesmo prestígio e/ou influência. Dessa forma, o PDT e o PTB receberam a maior parte dos políticos conservadores do período militar no Paraná.

Em 1986, Álvaro Dias, pelo PMDB, se elege governador contra Alencar Furtado (PMB), em uma coligação com o PDT e o PJ. Em 1990, no enfrentamento a José Carlos Martinez pelo “collorido” PRN, Roberto Requião é eleito em uma coligação com o PDC, PSC e PFL. José Richa também participa desse pleito, agora pelo recém-criado PSDB, porém não chega ao segundo turno.

A expansão do MDB no país e no Estado do Paraná, após a gestão do prefeito Flávio Teixeira, faz os grupos políticos de Ivaiporã se rearticularem em outras siglas partidárias. Paulo Afonso²⁶ (RIBEIRO, 2013) explica que, quando chegou a Ivaiporã, vindo de Londrina, não havia uma organização política que se identificasse nos tempos do bipartidarismo e que o MDB local era o único movimento partidário que possuía militância.

Com o pluripartidarismo pós-regime militar, as forças políticas se fragmentam em diferentes siglas partidárias, revelando uma nova dinâmica na estruturação dos grupos e na sua institucionalização para a disputa e manutenção do poder.

A pulverização do poder: pluripartidarismo em Ivaiporã

Com o pluripartidarismo, houve a possibilidade, no município, de arranjo dos grupos em várias siglas. Na eleição de 1988, além do PMDB e do PFL, também o PDT, PTB e PL apresentaram candidatos a prefeito. Apenas o PDT não conseguiu uma vaga para o legislativo. Antes disso, em 1982, o PT disputou a eleição ao lado do PMDB, PDS e suas sublegendas.

Em 1988, é possível verificar a presença de cinco partidos, embora a maioria apresente um rearranjo dos grupos locais na nova institucionalidade democrática. A característica dessa eleição, na forma de organização dos grupos políticos nos partidos, segue até o ano 2000, quando uma situação nova aparece: uma quantidade, cada vez maior, de partidos e coligações e a constante rearticulação de grupos entre os partidos de uma eleição para a outra.

No fim do mandato de Flávio Teixeira, em 1988, o PMDB decide lançar a candidatura do advogado Melvis Muchiuti, porém o deputado Orlando Pessuti (PMDB) e os grupos ligados a ele optaram por apoiar, pelo PL, o jovem cerealista Antônio da Paz, eleito prefeito²⁷.

²⁶Paulo Afonso Ribeiro. Ex-presidente do Partido dos Trabalhadores e ex-presidente do núcleo sindical de Ivaiporã da APP/Sindicato.

²⁷Concorreram nessa eleição também Celestino (PFL), Alcebíades (PTB) e Baratela (PDT). Dados do TRE-PR.

Diante disso, o apoio entre os atores hegemônicos da escala local com aqueles pertencentes às demais escalas de poder evidencia que há uma complexa rede de relações partidárias, atores e grupos de poder. Isso faz com que a dinâmica das coligações partidárias seja mudancista e, algumas vezes, não siga a linha de pensamento das instituições partidos políticos. O fato confirma que estes grupos estão constantemente pleiteando o seu principal objetivo: o voto, que é revertido em poder político ou manutenção do mesmo. (AUGUSTO, 2012, p. 90).

Para a manutenção do poder, feita a partir de uma rede complexa de relações para angariação de votos, os grupos políticos optam, muitas vezes, por não seguir a orientação partidária.

Em 1992, Flávio Teixeira (PMDB) tenta retornar à prefeitura. Melvis Muchiuti vai para o PFL e vence as eleições, concorrendo ainda com o dr. Orlando Sanches (PST). Nesse ponto podemos perceber a rearticulação de um grupo que muda de partido de uma eleição para outra, passando do PMDB para o PFL.

Naquela época (antes do regime militar) tinha muito do que tem hoje, muitos partidos políticos e muitas coligações. Sou contra a coligação, não sou contra ter muitos partidos, mas não acho certo ficar fazendo alianças e accordos. Acredito que a única coisa para moralizar os partidos é acabar com as coligações. Muitos nem sabem quais os ideais do partido que estão. O MDB velho de guerra não existe mais. Éramos aguerridos, tínhamos convicção, com honestidade pretendíamos mudar o país, mas quando avançou no poder as ideias mudaram também. Agora são poucos no partido que tem esses ideais. Na hora da eleição se unem com dez partidos com ideais diferentes, que na verdade nem tem ideias. Querem apenas ganhar as eleições com essas coligações, tem que acabar essas coligações e cada um defender os seus ideais. (TEIXEIRA, 2013).

Como destacado por Teixeira (2013), antes do regime militar é possível verificar, em Ivaiporã, da primeira para a segunda eleição, o início das coligações e a ampliação do número dos partidos. Esse processo, provavelmente, se acentuaria não fosse a ruptura democrática de 1964, que implantou o bipartidarismo a partir do Ato Institucional n. 2. Desde então, o que figurou em Ivaiporã foram as sublegendas, que se articulavam com o candidato principal, e a soma dos votos das sublegendas, estratégia criada justamente para abrigar as diferenças regionais.

Depois do fim do bipartidarismo, com a Lei Federal n. 6.767, de 20 de dezembro de 1979, só em 1998 foi possível notar o pluripartidarismo em Ivaiporã. Nas eleições majoritárias e proporcionais, há um número cada vez maior de partidos e a formação de um amplo arco de coligações. Almeida (2008) observa que essa situação é resultante das escolhas institucionais no momento de redemocratização e que tal modelo levaria à crise política. “O diagnóstico dizia que a combinação de federalismo, presidencialismo e multipartidarismo era uma boa receita de crise política” (ALMEIDA, 2008, p. 6).

O multipartidarismo extremado, resultante da adoção do sistema eleitoral proporcional na composição dos legislativos, teria duas consequências perversas. Dificultaria a formação de governos de maioria, forçando a organização de coalizões amplas com escassa coerência política. Além disso, tornaria o sistema de partidos, com baixa coesão política, pouco inteligível para os eleitores, dificultando a formação de laços fortes entre partidos e cidadãos. Por isso, a reforma política deveria ser prioridade na agenda nacional. (ALMEIDA, 2008, p. 7).

A partir de um levantamento histórico da organização partidária no país e no Estado do Paraná, é possível verificar que o Município de Ivaiporã se incorpora à dinâmica da estrutura partidária brasileira de cada momento, na qual o bloco de poder local, geralmente, está alinhado a outras esferas de poder, principalmente a estadual, quando há implantação do bipartidarismo e a Arena chega a apresentar candidatura única no município. Em outras ocasiões, a disputa chega a valores apenas representativos para o MDB. Pode ser apresentada como exemplo também a ascensão do PMDB, que ocorre em nível nacional e estadual, e a consequente eleição de governadores, senadores, deputados estaduais e prefeitos.

Com o fim do autoritarismo há, paulatinamente, o aumento de partidos políticos presentes no cenário ivaiporãense, porém isso não resulta no aumento de grupos disputando a majoritária, e sim à rearticulação dos grupos políticos de forma fragmentada, levando à formação de coligações para a disputa eleitoral, como foi o caso da eleição de 2012, em que duas candidaturas apresentavam sete partidos cada uma e a outra, apenas dois partidos.

A formação de coligações estabelece uma rede na organização do grupo político, e o maior número de partidos aglutina forças para a disputa eleitoral e retira a possibilidade de o outro grupo agregar o mesmo número de partidos.

Considerações

O histórico político-partidário de Ivaiporã é analisado a partir da organização do conjunto estadual e nacional. Cada momento histórico – o anterior a 1964, o período militar (1964/1985) e a redemocratização (após 1985) – resulta na organização e articulação dos atores e grupos de poder em Ivaiporã.

É necessário destacar que os períodos são marcos históricos e que os processos políticos se iniciam em meio a turbulências, como o regime militar, que deu hegemonia ao grupo político que se organizou pela Arena em Ivaiporã, em contraposição ao MDB, que foi minoritário. O MDB, ainda assim, estava presente enquanto força política de oposição ao regime militar e aos poucos construiu uma base para aumentar o eleitorado e o controle de determinados segmentos. Quando o PMDB chega

ao poder na maioria das prefeituras, governos de estado e parlamentos, o mesmo ocorre em Ivaiporã. Nesse processo há uma rearticulação das forças, atores e grupos locais, que se moldam em conformidade com o conjunto estadual e nacional, de acordo com os arranjos e interesses locais.

Com o pluripartidarismo é possível verificar uma fragmentação partidária e, dessa forma, os grupos políticos passam a ter caráter diversificado na forma de composição. Assim, nos períodos de maior confrontamento, como nas eleições, um grupo é formado por uma gama de partidos e polarizado por quem apresenta candidatura majoritária.

Referências

- ALMEIDA, Maria Hermínia Teixeira. Maria D'Alva Kinzo (1951-2008). **RBCS**, v. 23, n. 67, jun. 2008.
- AUGUSTO, Daniel Cirilo. **Geografia eleitoral e decisão do voto**: uma análise a partir do eleitorado de Guarapuava-PR.170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2012.
- BATISTELLA, Alessandro. **O Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2016.
- CARNEIRO, David; VARGAS, Túlio. **História biográfica da República no Paraná**. Curitiba: Banestado, 1994.
- CASTRO, Iná Elias de et al. **Espaços da democracia**: para a agenda da geografia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Faperj, 2013.
- CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições.3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CATAIA, Márcio Antônio. Território político: fundamento e fundação do Estado. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 115-125, abr. 2011.
- CERVI, Emerson Urizzi; CODATO, Adriano Nervo. Institucionalização partidária: uma discussão empírica a partir do caso do PFL do Paraná. In: CODATO, Adriano Nervo; SANTOS, Fernando José dos (Org.). **Partidos e eleições no Paraná**: uma abordagem histórica. Curitiba: Tribunal Regional Eleitoral, 2006.
- CODATO, Adriano Nervo; SANTOS, Fernando José dos. **Partidos e eleições no Paraná**: uma abordagem histórica. Edição Comemorativa: 60 anos-Tribunal Regional Eleitoral. p. 245-274, 2006.
- CODATO, Evandir. Personalismo político nos anos cinquenta. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, 2002.
- IPARDES. **Paraná reinventado**: política e governo. 2. ed. Curitiba: IPARDES, 2006.
- LOVATO, Amilton. **Adhemar**: fé em Deus e pé na tábua. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

MAGALHÃES FILHO, Francisco. Agentes sociais no Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n.86, p.3-33, set./dez.1995.

MOSQUERA, Jorge Eduardo. A votação da Arena no Paraná: uma análise histórica (1966 e 1978). In: CODATO, Adriano Nervo; SANTOS, Fernando José dos. **Partidos e eleições no Paraná**: uma abordagem histórica. Edição Comemorativa: 60 anos-Tribunal Regional Eleitoral. p. 95-124, 2006.

OLIVEIRA, Ricardo. **A construção do Paraná moderno**: políticos e política no governo do Paraná de 1930 a 1980. Curitiba, SETI, 2004.

PROENÇA, Otaviano. **Colonização e emancipação política de Ivaiporã**. Entrevista concedida a Cleiton Costa Denez. Ivaiporã, 11 jun. 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Paulo Afonso. **Entrevista concedida a Cleiton Costa Denez**. Ivaiporã, 25 ago. 2013.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

TEIXEIRA, Flávio. **Entrevista concedida a Cleiton Costa Denez**. Ivaiporã, 22 jul. 2013.

Recebido em: 4 fev. 2020.

Aceito em: 14 abr. 2020.